

Vários economistas vêm buscando interpretar como se dá a inovação tecnológica em relação aos avanços científicos e ao processo de mercado. Pode-se destacar Pavitt (1984) que, com sua tipologia setorial de mudança tecnológica, confirma grande interdependência tecnológica entre os setores industriais. Para conhecer o comportamento de um setor é necessário fazer uma análise microeconômica, aprofundando aspectos relacionados com a Teoria da Firma.

Neste trabalho, propomos um novo conceito de firma pelo acoplamento da Teoria da Firma com a abordagem de capacidades tecnológicas (resultado de diferentes desafios transacionais). Isto é especialmente verdade para as economias emergentes, onde as existentes deficiências tecnológicas, se interpretadas por abordagens tradicionais (como a OCDE), vão sempre apresentar resultados parciais ou incompletos sobre o seu desempenho real.

Indo além da estrutura de governança tríplice de Williamson, este trabalho apresenta uma taxonomia quántupla baseada na especificidade tecnológica e na estrutura organizacional. A tipologia quántupla é a seguinte: Tipo 0 - ciência pura e pequenas empresas de base tecnológica; Tipo 1 - empresas hi-tech baseadas em P&D formal; Tipo 2 – empresas baseadas em P&D eventual; Tipo 3 – empresas baseadas em P&D fragmentado; Tipo 4 – empresas sem necessidade de P&D.

Nossa hipótese geral é confirmada através do banco de dados dos Setores Industriais Brasileiros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PINTEC, PIA e PAS), que aponta novos insights interessantes. Parece que alguns setores industriais anteriormente considerados de baixa tecnologia têm obtido, no contexto de crescimento específico do Brasil, um maior desempenho tecnológico.